



Michel Foucault: Uma Análise do Poder

Michel Foucault: Power Analysis

Edimar Inocência Brígido

Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, com Especialização em Ciências da Religião pela Facel, e Especialização em Filosofia com ênfase em Ética pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. É mestre e doutorando em Filosofia pela mesma Universidade. Atualmente é professor de Filosofia na Faculdade Vicentina de Filosofia - FAVI e professor do Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA, Curitiba, PR-Brasil

Resumo

O artigo concentra-se em torno da análise reflexiva que o filósofo Michel Foucault faz a respeito da temática do poder. Foucault rompe com as concepções clássicas deste termo e define o poder como uma rede de relações onde todos os indivíduos estão envolvidos, como geradores ou receptores, dando vida e movimento a essas relações. Para ele, o poder não pode ser localizado e observado numa instituição determinada ou no Estado. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um governante, como vemos na compreensão política. Para Michel Foucault, o poder acontece como uma relação de forças. Sendo assim, o pensador francês apresenta dois dispositivos utilizados pela sociedade para a justificação do poder e para a domesticação dos corpos que compõem o espaço social, são eles: vigilância e punição. Esses dois dispositivos são inseridos na sociedade de forma discreta, chegando a um ponto na construção da sociedade que a existência desses dispositivos é vista como necessária, indispensável e legítima pelos próprios cidadãos. Na obra *Vigiar e*

Punir, Foucault faz um estudo científico sobre a evolução histórica da legislação penal e os métodos coercitivos e punitivos, adotados pelo poder público nas formas de repressão. Métodos que vão desde a violência física até instituições correcionais.

Palavras-chave: Poder. Relações. Saber. Verdade. Vigilância. Punição.

Abstract

The article focuses around the reflective analysis that the philosopher Michel Foucault on the theme of power. Foucault breaks with the classical conceptions of this term and defines power as a network of relationships where all individuals are involved, such as generators and receivers, giving life and motion to these relations. For him, the power cannot be located and observed in a particular institution or state. The power is not considered as something that an individual gives to a ruler, as we see in political understanding. For Michel Foucault, power happens as a relation of forces. Foucault presents two devices used by society for reasons of power and for the domestication of the bodies that make up society. They are: surveillance and punishment. These two devices are inserted discreetly into society. There comes a point in the construction of society, that the existence of these devices is seen as necessary, indispensable and legitimate by own citizens. In the book "Discipline and Punish," Foucault makes a scientific study of the historical development of criminal law and punitive and coercive methods, adopted by the government in the forms of repression. Methods ranging from physical violence to correctional institutions.

Keywords: Power. Relationships. Know. Truth. Surveillance. Punishment.

Introdução

Quando se pensa em poder pensa-se automaticamente em quem o detém, o exerce e o mantém. Ele é atribuído a uma pessoa ou a um grupo de pessoas que exercem uma determinada influencia sobre outras. Pensa-se também em força física ou moral, domínio, posse, o que geralmente remete a ideia de poder político. Contudo, o poder não se limita somente ao âmbito político, pelo contrario, sempre esteve presente nas relações humanas. Onde existem pessoas, ai está uma relação de poder. O homem, apesar de constantemente encontrar-se envolvido nestas situações, não chega a perceber de modo claro.

Esse é um tema de grande importância para o pensamento, visto que demanda e promove uma análise conceitual sobre como se dão

essas relações de poder, que fazem parte do corpo social: de onde nascem, como se sustentam, em que se baseiam, e como o sujeito participa desta correlação. É justamente a partir dessa perspectiva mais geral que pretendemos analisar como Michel Foucault pensa o estatuto do poder e como analisa as relações que ele tece.

O conceito de poder

Antes de tratarmos do tema do poder na ótica de Michel Foucault, é importante ir à raiz do campo de sentido da palavra poder e tirar de lá o seu significado mais específico desde um ponto de vista não filosófico. É preciso dar a significação originária desse termo para, a partir dela, fazer a análise a que nos propomos.

Poder vem do latim *potere*: o direito de deliberar, agir e mandar e também, dependendo do contexto, a faculdade de exercer a autoridade, a soberania, ou o império de dada circunstância ou a posse do domínio, da influência ou da força. Ou ainda, pode-se definir *poder* como “a capacidade ou possibilidade de agir ou de produzir efeitos” e “pode ser referida a indivíduos ou a grupos humanos” (BOBBIO, 1999, p. 933).

O estudo da sociologia geralmente define *poder* como a habilidade de impor uma vontade sobre os outros, mesmo que enfrente resistência. É algo que vem de uma esfera superior e penetra numa camada inferior, geralmente dominada e comandada pelos que detém o poder. Nessa abordagem sociológica o tema poder abre-se numa diversidade de campos e áreas de atuação: poder social, poder econômico, poder militar, poder político, entre outros.

Quando analisamos o poder a partir da visão política, encontramos a definição de *poder* como a capacidade de impor algo para ser obedecido e sem alternativa para a desobediência. Ou seja, é um poder que foi reconhecido como legítimo, instituído para executar a ordem estabelecida. Ele é uma autoridade. No entanto, mesmo nessa compreensão, devemos lembrar que há também poder político distinto desta compreensão e que até se lhe opõe, como acontece na revolução ou nas ditaduras.

A filosofia sempre deu sua contribuição para se entender os mecanismos do poder. Até porque o poder é uma entidade presente na história da humanidade desde sempre. Onde há seres humanos, homens e mulheres que se relacionam e dividem os mesmos espaços, o poder se

faz presente nessas relações. No entanto, na idade moderna houve uma grande colaboração da filosofia para a compreensão do poder. Neste sentido, podemos verificar a construção reflexiva de um conjunto de definições úteis para pensar o problema do poder. Como exemplo, podemos indicar a questão das leis, consideradas como os meios nos quais se baseiam para o exercício do poder.

Numa República as leis são expressões da vontade popular, enquanto na monarquia elas expressam a vontade do rei (muitas vezes em conformidade com a tradição e o costume vigente). No despotismo, o governante exerce o poder por meio de leis e decretos ocasionais e improvisados em cada ocasião. Numa república é a "virtude" que leva os cidadãos a buscarem e defenderem o bem do Estado (do comum) em detrimento do interesse particular. Na monarquia, é o senso de honra da nobreza hereditária; no despotismo, é o medo diante da ameaça da violência repressiva que faz com que se cumpram as ordens e determinações.

O conceito de poder segundo Michel Foucault

Após estas considerações iniciais sobre o conceito geral de poder e com um olhar inicial para as diversas contribuições (da sociologia, da política e da filosofia) sobre a temática do poder, dedicaremos agora uma atenção especial aos escritos de um dos principais pensadores contemporâneos.¹

Foucault trata o tema do poder com uma abordagem diferente. Ele rompe com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado e observado numa instituição determinada ou no Estado. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um governante, como vemos na compreensão política clássica dos contratualistas. Para Michel Foucault, o poder acontece como uma relação de forças. Desse modo, como relação de forças, o poder está em todas as

¹ O filósofo francês Michel Foucault, nasceu em Poitiers, no dia 15 de outubro de 1926 e faleceu em Paris, no dia 25 de julho de 1984. Foucault recebeu grande influência dos modernistas Nietzsche, Heidegger e Kant. Foi um importante filósofo e professor da cátedra de História no Collège de France desde 1970 até 1984. Grande parte do seu trabalho foi no sentido de desenvolver uma arqueologia do saber, mas também se ocupou da análise do discurso e da experiência literária. A partir da arqueologia do saber houve um desdobramento para o estudo das relações de poder que daí se originam.

partes. Todas as pessoas estão envolvidas por relações de poder e não podem ser consideradas independente delas ou alheias a elas.

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2004, p. 193)

Não existindo o poder, mas sim relações de poder, ele não está situado em um lugar específico, mas está distribuído e agindo em toda a sociedade, em todos os lugares e em todas as pessoas. Através de seus mecanismos, o poder atua como uma força coagindo, disciplinando e controlando os indivíduos. Para Foucault, de acordo com as necessidades e com as realidades de cada local, são produzidas novas relações de poder, conforme é explicitado por Roberto Machado (2006, p. 168):

A mecânica do poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Poder esse que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo -, e se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder ou subpoder.

Este processo de renovação e adaptação das relações atinge certo grau de eficiência e o poder parece adquirir uma importante dose de autonomia, quase como se fosse independente dos indivíduos. Através das ideologias e da burocracia, mas não só por elas, o poder se exerce,

envolvendo-se nos indivíduos. Diz Foucault: “O poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação; (...) o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força” (FOUCAULT, 2004, p. 175). Ele até parece invisível, mas é transmitido e reproduzido e perpetuado através dos indivíduos. Assim, o poder existe e age de modo sofisticado e sutil. O poder disciplinar adentra os corpos no intuito de tanto multiplicar suas forças, para que possam produzir riquezas, quanto diminuir sua capacidade de resistência política.

Para fazer essa análise do poder, Foucault centra sua atenção primeiramente no que chamou de poder disciplinar e depois, aprofundando sua conceitualização, num campo mais vasto definido como biopoder, que por ora não será contemplado nesta pesquisa visto que o nosso objetivo central é o poder disciplinar². Foucault estuda também os dispositivos da loucura e da sexualidade. Segundo ele, a finalidade das práticas de adestramento era disciplina e reclusão, tendo em vista a docilidade dos corpos. Para chegar a essas conclusões que adentram o interior das relações humanas, em vez de analisar a história de origem única e causal, ele realiza uma genealogia, ou seja, um olhar sobre as multiplicidades e as lutas.

Houve uma ideologia da educação, uma ideologia do poder monárquico, uma ideologia da democracia parlamentar, etc.; mas não creio que aquilo que se forma na base sejam ideologias: é muito menos e muito mais do que isso. São instrumentos reais de formação e de acumulação do saber: métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de inquérito e de pesquisa, aparelhos de verificação. Tudo isso significa que o poder, para exercer-se nesses mecanismos sutis, é obrigado a formar, organizar e por em circulação um saber. (FOUCAULT, 2004, p. 186)

Desse modo, estamos todos envolvidos nessa rede que recebe, gera e distribui o poder. Somos seres relacionáveis, sociáveis, e isso nos envolve nas relações de poder. Foucault nos aproxima dessa temática e, mais que isso, ele nos envolve nessa teia, nessa rede chamada poder.

² O biopoder foi um termo-conceito criado pelo próprio Foucault para mostrar a prática dos Estados modernos. Segundo ele, os Estados modernos regulam os sujeitos (cidadãos) através de numerosas técnicas que possibilitavam o controle dos corpos e da população em geral.

Os dispositivos de vigilância e punição na sociedade

Para Michel Foucault, então, estamos de uma forma ou de outra, todos envolvidos nessa teia de relações que dá vida e “movimento” ao poder. Ele propõe também uma reflexão sobre a forma como os espaços se organizam para formar isso que chamamos de sociedade. Sobre essa organização do espaço, que chamamos de sociedade, Foucault (2004, p. 219) diz: “[...] é uma máquina que circunscreve todo mundo, tanto aqueles que exercem o poder, quanto aqueles sobre os quais o poder se exerce. Isso me parece ser a característica das sociedades que se instauraram no século XIX”.

Mas Foucault vai além. Ele separa dois fatores que para ele funcionam como “dispositivos” para o exercício do poder: a vigilância e a punição. Dispositivos são meios, formas, veios, caminhos, pelos quais o poder se exerce na sociedade. Dispositivos são mecanismos usados de forma discreta para dar força aos meios que, em suma, objetivam determinado fim.

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles. (FOUCAULT, 2004, p. 246)

O primeiro dispositivo usado pela sociedade, segundo Foucault, é a *vigilância*. Para haver vigilância, há custos econômicos e políticos. Econômicos porque precisam de investimentos com materiais e pessoas que possam agir como vigilantes. Custos políticos porque se a violência existir, por causa da vigilância, podem ocorrer revoltas. Isso é um custo político porque “desgasta” a imagem daqueles que estruturam essas forças e mantém tais mecanismos.

Foucault também descreve o forte poder vigilante existente nas prisões, nas clínicas de recuperação, nos hospitais, enfim, nas formas de construção e estruturação dos locais onde se trata do ser humano. No entanto, para uma maior precisão sobre a eficácia da vigilância, cria-se a filosofia do controle pelo olhar. Nasce a figura do inspetor. Este, de um

lugar privilegiado, pode olhar e, desse modo, controlar a todos. O olhar torna-se uma boa forma de vigilância:

O olhar vai exigir muito pouca despesa. Sem necessidade de armas, violência física, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá essa vigilância sobre e contra si mesmo. Formula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório. (FOUCAULT, 2004, p. 218)

Se um dos dispositivos é a vigilância, o outro analisado por Michel Foucault é a *punição*. Na obra *Vigiar e Punir*, ele faz um estudo quase científico sobre a evolução histórica da legislação penal e os métodos coercitivos e punitivos, adotados pelo poder público nas formas de repressão. Métodos que vão desde a violência física até instituições correccionais.

Segundo Foucault, a aplicação da pena torna-se um procedimento burocrático, permitindo que a punição seja oficializada pelo Estado mas, ao mesmo tempo, que justiça ou o sistema do estado tome uma certa distância da prática da punição. Essa distância justifica os atos de punição. Tais atos são apresentados como necessários para corrigir, reeducar, curar aqueles que são infratores da lei e da ordem. É a institucionalização do direito de castigar, punir.

Ele analisa outros sistemas de punição, mas centra sua análise na prisão. Para ele o sistema carcerário torna natural e legítimo o exercício da punição, acaba com os exageros do castigo, porém, dá legalidade aos mecanismos disciplinares. Quando a punição torna-se “legal” ela pode ser infligida pelo poder sem que isso seja visto como excesso. O poder de punir torna-se discreto.

Era assim que funcionava o poder monárquico. A justiça só prendia uma proporção irrisória de criminosos; ela se utilizava do fato para dizer: é preciso que a punição seja espetacular para que os outros tenham medo (FOUCAULT, 2004, p. 217).

Dessa forma, os dispositivos de vigilância e punição são inseridos na sociedade de forma discreta, arquitetada para significar necessidade.

Chega um certo ponto da construção da sociedade, que a existência desses dispositivos é vista como necessária, indispensável e legítima pelos próprios cidadãos. É a partir destes dispositivos que Foucault vai desenvolver sua análise do poder disciplinar, que já não é apresentado de forma centralizado e sim, de forma dinâmico, atuando em todos os níveis da sociedade.

O olhar que controla

No capítulo XIV de *Microfísica do Poder*, que o autor intitula '*O olho do poder*', ele procura trabalhar sobre a considerável mudança que acontece na sociedade a partir do século XVIII. Analisando a arquitetura desenvolvida naquela época, Foucault observa principalmente como eram construídos os hospitais: com uma preocupação voltada para o modo de separação dos doentes, isolamento em departamentos separados para evitar o contágio, classificação dos problemas de saúde através do diagnóstico e, principalmente, desenvolvendo uma maneira de vigiar o paciente e observá-lo. De preferência mantendo o indivíduo longe da sociedade sã, para "evitar os contatos, os contágios, as aproximações e os amontoamentos" (FOUCAULT, 2004, p. 210). Os médicos tornam-se, dessa forma, os "especialistas do espaço".

Toda uma problemática se desenvolve então: a de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado – para tornar visíveis os que nela se encontram (FOUCAULT, 2002, p. 144).

Um outro lugar onde a arquitetura exerce bastante influência é na forma como são construídas as prisões: celas, torres de observações, aberturas estratégicas, iluminação especial. Tudo para permitir um olhar que controle tudo e todos. Vigiar é preciso. As construções eram então da seguinte forma:

Na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior,

correspondendo às janelas da torre; outra dando para o exterior permite que a luz atravesse a cela de um lado para o outro. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancaria um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito da contraluz, podem-se perceber, da torre, recortando-se na luminosidade, as silhuetas prisioneiras nas celas da periferia. Em suma inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia. (FOUCAULT, 2004, p. 210)

Surge daí, o conceito “olho do poder”, que estabelece uma nova forma de controle. Controle este que está calcado no olhar, na vigilância e não mais na força, como ocorreu até o século XVIII.

Com a restauração do sistema penal, a pena de morte só aparece nos casos extremos. A prisão passa a ser admitida como a forma de punição ideal, transformando-se no local que irá corrigir reformar, reeducar e civilizar o indivíduo. O fator punitivo está na usurpação da liberdade (que passa a ser vigiada) e na correção disciplinar do detento para que este mude a sua forma de agir, tornando-se normal e produtivo. A prisão, então faz com que todos produzam: seja por meio de incentivo, ou por meio de castigo.

Com toda essa mudança estrutural, nasce o que Foucault chama de PANOPTISMO. É uma figura arquitetural que tem a visibilidade como uma armadilha. Para garantir a ordem na prisão, se constrói celas de onde não se pode ver, mas ser visto. Isso garante a ordem. O panóptico tem como efeito mais importante induzir o detento a estar consciente de que se está sendo observado. Dessa forma, o poder é automático e desindividualizado. É uma maquinaria facilmente assumida e controlada por qualquer indivíduo.

O panoptismo é um laboratório de poder. Cada vez que se aplica vai aperfeiçoando o exercício de poder porque reduz o número dos que exercem e multiplica-se o número daqueles sobre os quais é exercido. Assim, a forma do panóptico é uma maneira de perpetuar o poder porque todos estão sujeitos à verificação que este estabelece uma vez que qualquer pessoa pode assumir a torre central e exercer a vigilância. O poder torna-se, então, perpétuo, porque o panóptico o amplia; não pelo próprio poder, mas para fortificar as forças sociais, “aumentar a produ-

ção, desenvolver a economia, espalhar a instrução, elevar o nível da moral publica; fazer crescer e multiplicar” (FOUCAULT, 2002, p. 172).

Com esse poderoso olhar, que tudo pode ver e vigiar (o do panóptico) temos uma diferente maneira de analisar as relações sociais: não uma relação de soberania, como sugeriam os autores modernos Hobbes e Rousseau, mas numa relação de disciplina ou que usa de mecanismos disciplinares que tornam o poder rápido, eficaz, eficiente e sutil.

A formação da sociedade disciplinar vem da necessidade de ordenação das multiplicidades humanas. Conseqüentemente de uma explosão demográfica no século XVIII, a sociedade necessita de um ordenamento.

A disciplina aplicada ao corpo

Com a necessidade de um ordenamento da sociedade, teve-se uma preocupação especial em se impor uma disciplina ao corpo. Este se deve adequar espacial e funcionalmente. E vemos que esta adequação se dá num âmbito geral porque ela está implantada em todos os seguimentos da sociedade e do individuo: na escola, no quartel, nos hospitais. Sua característica principal é a observância do detalhe.

Não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (...). Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. (FOUCAULT, 2002, p. 118)

Todas as atividades desenvolvidas pelos indivíduos devem ser rítmicas e estabelecidas em um determinado tempo. O corpo deve assumir uma determinada postura que seja adequada para mais eficiência. O soldado é o exemplo de como o corpo é alvo do poder disciplinar. O corpo torna-se dócil, pois pode ser manipulado, submetido, aperfeiçoado. Assim, quando se impõe a disciplina ao corpo se esta tentando impor a toda a sociedade porque ele não se torna apenas obediente, mas também, útil. Nasce uma “mecânica do poder”, onde os corpos tornam-se

dóceis e manipuláveis da maneira que se quer. No entanto, esse é um processo que não se dá de repente. Vem das escolas primárias dos colégios, dos hospitais, e da organização militar, uma vez que nestes ambientes se busca valorizar os detalhes, as minúcias. O homem moderno nasce neste esmiuçamento, que nada mais é que uma tática usada para o controle e utilização dos homens.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, seguindo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2002, p. 119)

Esse modelo de reclusão e disciplina usada nos quartéis, nos conventos etc., contribui para o nascimento das fábricas que seguem as mesmas regras, os mesmos parâmetros de ação dirigida ao indivíduo de modo a evitar roubos, vadiagem, enfim, para vigiar o comportamento de cada um. As relações de poder são sutilmente estabelecidas em meio a estes ambientes.

Nas fábricas do fim do século XVIII surge o “quadriculamento individualizante”, onde as pessoas são distribuídas em postos, pois, assim, a força de trabalho pode ser analisada em unidades individuais de acordo com a função que o indivíduo exerce. Nesse sentido, nos diversos modos de se aplicar esse poder controlador do olhar panóptico, há o surgimento das celas, dos lugares designados para cada um, das fileiras nos colégios, etc. para propiciar isso, a arquitetura tem lugar muito importante no modo de construir os edifícios, na maneira de dividir as salas, na disposição dos móveis, na maneira como se posicionam os corredores, janelas e jardins. Surge desses detalhes o que Foucault chama de relações “microfísicas” do poder, apresentadas de maneira celular, discreta e arquitetonicamente planejada.

Para que a população em geral se familiarize com essa sociedade, com a preocupação em manter uma disciplina do corpo e com a preocupação de ser útil a cada momento e cada vez mais, é preciso que haja

uma “domesticação” dessa população. Isso se dá através dos moldes dos meios militares e conventos, que apresentam e vivem com horários determinados e rigorosamente cumpridos; com formulas de boa convivência, de eficiência e produção constante. Dá-se aqui o uso exaustivo do tempo visando garantir a qualidade e o controle. Busca-se o tempo útil para evitar a vadiagem, os desocupados e os conflitos. No exercito chega-se a fazer com que até mesmos os passos sejam dados ao mesmo tempo, numa sincronia invejável. O corpo é ajustado ao tempo e, uma vez disciplinado, gerará gestos eficientes.

A disciplina é um controle do tempo. Isto é, estabelece uma sujeição do corpo ao tempo, com o objetivo de produzir o máximo de rapidez e o máximo de eficácia. Neste sentido, não é o resultado que interessa, mas seu desenvolvimento. E esse controle minucioso das operações do corpo, ela o realiza através da elaboração temporal do ato, da correlação de um gesto com o corpo que o produz e, finalmente, pela articulação do corpo com o objeto a ser manipulado. (MACHADO, 2006, p. 173)

Dessa forma, podemos verificar uma mudança de uma visão de massa para uma visão mais individualizante das pessoas; por conta deste deslocamento é exigida uma maior eficiência em consequência da disciplina que lhe é imposta. O homem passa a ser como que a engrenagem de uma máquina funcional. É proibido, ou indesejável, falhar. Cada um deve estar interligado ao outro. Desenvolve-se a ideia de que se cada um desenvolver bem seu papel e “funcionar” de maneira correta, todo o conjunto alcançará ótimos resultados.

Para se chegar a esse resultado positivo é necessário que se tenha um importante e eficiente sistema de comando. Não se exige da pessoa que entenda o funcionamento do todo, mas que seja eficiente no seu espaço. Por exemplo, o responsável pelo sino do colégio, o olhar constante do inspetor que vigia e guarda os corredores, o responsável pela fila que conseqüentemente deve ser formada. “O aluno deverá aprender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um deles” (FOUCAULT, 2002, p. 140). Tudo isso existe na tentativa de manter a ordem. Essas micro-maneyras de reproduzir o poder é que dá sustentação a toda essa engrenagem que por ai se sustenta. Essa disciplina vai criar uma individualidade com quatro características: é celular, é orgânica, é

genérica, é combinatória. Para isso utilizam-se quatro técnicas: construir quadros, prescrever manobras, impor exercícios e organizar táticas.

O fim último do poder disciplinar é ADESTRAR. A disciplina fabrica indivíduos através de um poder que circula discretamente, de forma modesta, desconfiada, mas permanente. No entanto, são simples os instrumentos que o fazem acontecer: o olhar hierárquico (se traduz no ver sem ser visto que se apresenta por um lado de maneira discreta porque é silencioso e anônimo e, por outro lado de forma bastante indiscreta, porque está inserido em todas as partes, alerta, controlando), a sanção normalizadora (que corrige os desvios, as negligências, a tagarelice e, enfim, todos os atos que fogem a normalidade) e o exame (onde cada indivíduo é diagnosticado a partir do que faz e pensa e da maneira como age. Cada um é colocado numa ficha, num cadastro, que o define como sendo dessa ou daquela forma, desse ou daquele comportamento, com essas ou aquelas capacidades, com essas ou aquelas fraquezas. Esse exame está presente nos hospitais (através dos médicos), nos colégios (com os mestres), nos quartéis (com o corpo militar), nas igrejas (através do padre que atende a confissão).

Saber, poder, verdade

Para entender as relações de poder é necessário, também, que se entenda como é elaborada a noção de verdade em nossa sociedade, pois é a partir daí que todo o sistema funciona. Caracterizando a economia política da verdade em nossa sociedade, podemos afirmar que a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que a produzem. É objeto de uma grande difusão que tem a missão de espalhá-la.

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele, graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2004, p. 12)

Em suma, podemos dizer que a verdade está diretamente ligada ao sistema de poder, sustentando-o. Este sistema a elabora e reproduz de acordo com suas necessidades.

Até o final do século XVIII, a medicina era uma sabedoria particular do médico que auxiliava o doente no combate a epidemia. Com a necessidade de mudanças estruturais e arquitetônicas, o hospital começou a utilizar a tecnologia política da disciplina. Para isso modificou se espaço interno e externo fazendo do médico seu organizador e utilizando o registro permanentemente. Assim, o hospital passa a ser não apenas um local de cura, mas também de registro, acúmulo e formação de saber. A verdade que era produzida passa a ser procurada através de técnicas.

Quando nos referimos à prisão, vemos também que ela exerce um papel fundamental nessa relação de produzir verdades, por ser um mecanismo de manutenção do poder. Não é capaz de extinguir a delinquência, mas, antes, difunde a mesma para justificar a ação policial sobre a população. Assim como no final do século XVIII mudou-se de estratégia: do punir passou-se a vigiar. É mais eficiente. Até porque se imaginava que o homem faz o mal somente quando não está sendo visto. Com a estratégia do olhar vigiador esse problema estaria resolvido pois,

[...] sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo. Formula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório. (FOUCAULT, 2004, p. 218)

Outra questão central é o sexo. As instituições apressaram-se em proibi-lo, não somente no discurso, mas também nas instituições e na prática. A aversão a masturbação infantil surgiu no momento em que se precisava de uma nova educação, pois se estava instalando a industrialização e uma das maneiras de disciplinar as crianças foi pela “repressão” sexual.

Nesse sentido, podemos constatar que, para se responder a uma urgência histórica, se constrói o dispositivo da sexualidade: uma rede que estabelece na relação de discursos, instituições, organizações, con-

troladas através da confissão: o dirigido vai buscar no confessor uma verdade – a do pecado cometido. A verdade exige um discurso próprio. Assim, para se conseguir obter o saber válido para o sistema que o mantém, é preciso apossar-se do discurso que confere esse saber.

Enfim, o estudo dessa relação entre saber e poder é que estrutura esquematicamente toda a análise de Foucault. Seus escritos são baseados principalmente nesses dois processos que se completam: uma *arqueologia do saber* e uma *genealogia do poder*. Seu primeiro procedimento é denominado arqueológico, porque procura as camadas fundamentais, configuradoras do saber ocidental contemporâneo. Essas camadas não são, contudo, uniformes e contínuas; segundo Foucault, a análise dessas regularidades discursivas presentes nos saberes formadores de uma determinada época traz à tona uma descontinuidade, que apresentam os discursos relacionando-se de forma dinâmica.

Como afirma Foucault na *Microfísica do Poder*, “a verdade não existe fora do poder ou sem poder” (FOUCAULT, 2004, p. 12). Por verdade Foucault entende “um conjunto de procedimentos regulados para a produção [...] que está, circularmente, ligado a sistemas de poder” (FOUCAULT, 2004, p. 14). Em nossa sociedade verdade instala-se preferencialmente na forma do discurso científico³. “Em suma, a questão política não é o erro, a ilusão, a consciência alienada ou ideologia; é a própria verdade” (FOUCAULT, 2004, p. 14).

Quanto à genealogia do poder, foi um desejo de Michel Foucault depois de certo tempo de seus escritos, principalmente depois da publicação de *Vigiar e Punir*, em 1975 e também após a publicação, em 1976, da *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Esse estudo da genealogia do poder veio como complemento do projeto de arqueologia do saber. Desse modo, Foucault ajusta o foco e complementa sua investigação com uma nova frente, passando assim a interessar-se pelo poder enquanto elemento capaz de gerar explicações sobre como são produzidos os saberes e como a articulação entre saber e poder podem influenciar ou até constituir o que somos.

³ Estas posições de Foucault levaram a alguns autores, como Habermas, a observar de modo crítico o fato de que o autor francês torna a verdade dependente do poder, invertendo uma relação que, no âmbito da filosofia do sujeito, supostamente se exercia no sentido contrário (HABERMAS, 2002, p. 385).

Desse modo percebemos que, enquanto na arqueologia do saber Michel Foucault procurou olhar para as transformações dos saberes, ou seja, como o saber foi sendo trabalhando a partir das ciências humanas; na genealogia do poder ele dá um passo a mais na profundidade da análise, ou seja, ele busca analisar não mais as transformações dos saberes, mas a origem dos saberes, o surgimento dos saberes.

Assim, Foucault explicita que antes de olharmos para os saberes existentes, é preciso olhar e descobrir que eles têm uma raiz, uma origem, uma criação. Ou seja, todas as sociedades, todas as culturas, todas as classes, nenhuma é livre das relações de poder, porque em todas elas existem as relações de saber. E se precisamos de uma personificação dessas relações de poder, elas estão personificadas nos indivíduos.

O pensador francês propõe, então, com a genealogia, uma concepção não jurídica do poder, ou seja, não podemos olhar para o poder apenas do ponto de vista da lei, da repressão, da negatividade. Seria até um erro, segundo Foucault, caracterizar o poder como negativo, repressivo, ou que castiga, que impõe limites. Veja o que ele diz em *Vigiar e Punir*:

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos do poder em termos negativos: 'ele exclui', ele 'reprime' ele 'recalca', ele 'censura', ele 'abstrai', ele 'mascara', ele 'esconde'. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção. (FOUCAULT, 2002, p. 161)

Portanto, para Foucault, as relações de poder não são negativas justamente porque elas geram saberes novos, elas produzem, elas deslocam, mexem, provocam. Todos os indivíduos participam dessas relações. Nessa genealogia, todos produzem saber a partir das relações de poder.

Considerações finais

O *modo* como Foucault trata a questão do poder é inédito. Ao invés do modelo jurídico-político, Foucault mergulha no detalhado esquema apresentado pela sociedade disciplinar. Faz um recorte histórico e procura analisar o *como* desse poder que está subjacente às práticas que os homens desenvolvem em sua vivência social.

Foucault pergunta pelas relações de poder, pelas ramificações, pelas táticas que buscam observar os detalhes, as minúcias, o comportamento, o modo de ser de cada um para que possa domesticá-lo, encaixá-lo num espaço quadriculado a partir das verdades vividas e reproduzidas naquele momento histórico.

Não que para Foucault não tenha importância estar atento ao poder estatal, instituído, representado pelo Estado. Muito pelo contrário. Diz Foucault que, se o problema do poder estivesse centrado nessa visão hierarquizada seria fácil acabar com o poder. O que acontece é que ele se sustenta não por subjugar, submeter, constranger, obrigar, sempre de cima para baixo, mas justamente porque essas ramificações existentes na base, dão força de sustentação para que o Estado se mantenha. Se nos perguntarmos sobre como acontece isso, Foucault nos vai mostrar que é da forma mais simples possível: nas normas e regulamentos de um colégio; do sábio sobre o ignorante; do general que exige harmonia, sincronia e cadência nos gestos dos soldados; do padre que, através da confissão, analisa e julga o comportamento do fiel em relação a Deus; do guarda de trânsito que, atrás da farda e do apito se faz respeitado frente a uma grande quantidade de motoristas; enfim, onde há relacionamento humano, há essa relação de poder.

A partir dessa visão de que se deve vigiar cada indivíduo, registrar cada doente numa ficha de relatório, separar os doentes dos sadios, manter a ordem nas repartições públicas (escolas, por exemplo), manter vigiada a prática da delinquência, punir os infratores, respeitar os saberes das ciências, etc. subjaz toda uma tentativa de manter o poder maior uma vez que as instâncias vão se completando num leque cada vez maior de relações até chegar no Estado que, com todos os micro poderes funcionando, se mantém.

Segundo Foucault, “temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “máscara”, “esconde”. Na verdade o poder produz realidade, produz campos de objetos e rituais da verdade” (FOUCAULT, 2002, p. 161). Porque o indivíduo é adestrado, corrigido, não mais como força e martírio e morte, mas para que ele seja útil, produtivo, ágil. Isso porque o aumento da população coloca a família não mais como centro, mas como segmento interno desta que se tornará o alvo do governo que quer “olhar a sorte da população, aumentar sua riqueza, sua duração de

vida, sua saúde, etc.” (FOUCAULT, 2004, p. 289). Nesse caso, o poder disciplinar não pode ser deixado de lado porque através dele se pode gerir a população em profundidade, em detalhe.

Estudar o poder em sua face externa, onde ele se implanta e produz efeitos reais. Não é perguntando o porquê do poder, o que ele procura e qual é a sua estratégia, mas como estão constituídos aqueles que estão sujeitos a esse poder. Não é querer formular o problema da “alma central” do poder (como faz Hobbes, no *Leviatã*), mas estudar os corpos sujeitos do poder.

Essa nova tecnologia de poder não tem sua origem com um indivíduo ou um determinado Estado ou Monarquia. Ele foi requerido em determinadas condições locais, a partir de urgências particulares. Analisar os mecanismos desse poder significa, em suma, ver as posições e os modos de ação de cada um.

Em face de toda essa análise feita do poder, Foucault diz que cabe apenas resistir a ele, pois sempre haverá poder já que ele se exerce produzindo verdade a cerca do sujeito, fazendo aparecer indivíduo. Evidentemente não se esgota esse assunto em um artigo. Este é apenas o início para futuras e mais aprofundadas discussões a cerca desse assunto tão bem elaborado por Michel Foucault.

Se não trará esse trabalho nenhum resultado prático para a sociedade ou uma contribuição imediata para os leitores, cabe lembrar que esse não é o papel da filosofia. No entanto, se este serviu para uma análise sobre quantas vezes em nossas relações microfísicas de poder, vigiamos e punimos automaticamente e, sem perceber, achando normal essa sociedade que preza pela disciplina e pelo controle, então creio que o objetivo inicial foi alcançado.

Que essa indignação ingênua de se colocar como vítimas de uma institucionalização seja mais percebida numa descoberta de que cada um, individualmente é, além de vítima, também detentor, mantenedor e transmissor de poder.

Referências

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Tradução Luis Guerreiro Pinto. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade; a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

____. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

____. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. São Paulo: Ática, 2002.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

____. Introdução: Por uma genealogia do poder. *In*: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Recebido: 09/05/2014

Received: 05/09/2014

Aprovado: 16/05/2014

Approved: 05/16/2014